
CONHECENDO A UMBANDA POR FORA: “CHUTA QUE É MACUMBA”¹

Carla Simone de Oliveira Peres²; Maria de Jesus Morais³

1. UFAC – carla.peres@ufac.br. 2. UFAC – maria.morais@ufac.br.

Recebido em: 25/11/2023 Aceito em: 10/12/2023

RESUMO: este artigo aborda a expressão “chuta que é macumba”. Expressão esta que reflete preconceitos e intolerâncias contra as religiões afrodescendentes. O objetivo de nossa reflexão é conhecer a ‘Umbanda por fora’ para melhor compreensão da expressão “chuta que é macumba”, usada pejorativamente, para inferiorizar as religiões afrodescendentes, e conhecer a sacralidade que permeia o interior dos terreiros umbandistas. O uso da expressão está muito vinculado aos despachos realizados nas encruzilhadas para oferecer Exu. Prática bastante reduzida nos dias de hoje pelas religiões, dada a conscientização de preservação ambiental adotada pelo povo de terreiro. A visão da sociedade brasileira lançada sobre essas práticas religiosas é tão preconceituosa, que mesmo pessoas de outras religiões são estigmatizadas por frequentarem terreiros independente de sua raça, cor, etnia e/ou classe social. O texto enfatiza ainda a importância dos terreiros de Umbanda em Rio Branco, na contínua construção de suas identidades e no combate ao racismo religioso. O trabalho é discutido com base nas cerimônias realizadas nos terreiros umbandistas acreanos, abordando a vivência do “sagrado” pelo “povo do axé”, e como os rituais são realizadas internamente. Para construir esse diálogo utilizamos autores como Lapassade (1972), Debord (1997), Eliade (2001), dentre outros. Conclui ressaltando a necessidade de desconstruir o preconceito e a intolerância religiosa que ronda os terreiros e umbandistas, assim como a importância em se permitir sair da ignorância cultural e conhecer as religiões afrodescendentes.

PALAVRAS-CHAVE: Macumba. Preconceito. Intolerância Religiosa. Terreiros. Umbanda.

INTRODUÇÃO

Esse estudo aborda a expressão popularmente conhecida “chuta que é macumba” falada comumente em tons de brincadeira e deboche, externando o preconceito e a intolerância das pessoas contra as religiões afrodescendentes. Remetendo a uma tradução equivocada do que, de fato, quer dizer o termo “macumba”. Além de nomear uma árvore de origem africana, é o nome de um instrumento musical, logo, macumbeiro seria a pessoa que manuseia tal instrumento, também é, historicamente (des)conhecida como um movimento de contracultura como aponta Lapassade (1972).

A construção desse artigo se dá a partir de um recorte da pesquisa realizada em quatro terreiros de Umbanda na Amazônia acreana, considerando a reverberação pelo uso da expressão nos espaços sociais e a implicação para os terreiros e, consequentemente, para os umbandistas.

¹ Este texto é uma versão revisada de um capítulo da dissertação de mestrado intitulada “Aspectos socioidentitários de terreiros de Umbanda em Rio Branco-Ac”, defendida em 2023.

² Graduação em Serviço Social, mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade - UFAC.

³ Pós-doutorado em Geografia Humana pela USP e docente do curso de graduação em Geografia na Universidade Federal do Acre.

No início da pesquisa, essa expressão foi se destacando em meio aos ambientes de terreiros e ao contraditório do que estava sendo observado e percebido. Tendo em vista que em cada um desses lugares “sagrados”, os elementos tinham significados, fazendo parte da ritualística; assim como as orações, defumação, imagens e tudo que ornamenta e dar sentido a um lugar consagrado. Logo, tal expressão é uma forma de (des)caracterizar o sagrado do outro, e invalidar sua crença.

A partir dessa constatação surgiram alguns questionamentos em torno do que é macumba? Qual o sentido da expressão “chuta que é macumba”? Por que a expressão é usada para referir-se a práticas de terreiros afrodescendentes? Essa expressão estaria correlacionada aos “despachos” e “oferendas” nas encruzilhadas? Essas questões foram norteadoras para a construção desse estudo.

No primeiro item trataremos da memória popular que envolve as práticas religiosas afrodescendentes vinculadas a representação de Exu, nos ritos ofertados a essa entidade nas encruzilhadas, nos primórdios do culto da macumba carioca.

A seguir, será mostrado o interior dos terreiros umbandistas em Rio Branco, enquanto lugares sagrados permeados de significados, sem correspondência com a expressão “chuta que é macumba”, tendo em vista ser esse um enunciado que traduz o preconceito e a intolerância ainda muito presentes na sociedade e que reflete e impacta consideravelmente nas comunidades de terreiro.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi conduzido em quatro terreiros umbandistas, a “Tenda de Umbanda Luz da Vida”, “Seara de Caridade Mãos de Luz”, “Centro de Umbanda Império das Águas” e “Centro Espírita Umbanda Santa Bárbara”, situados em Rio Branco-Acre, dentre estes, três localizados na zona rural e um na zona urbana.

O percurso teórico-metodológico da pesquisa que originou este artigo é de abordagem qualitativa, pois permite compreender com maior profundidade a complexidade, a simplicidade e a singularidade dos quatro terreiros objeto desse estudo, assim como também o cotidiano do povo do Axé. Quanto aos procedimentos, utilizou-se como recurso a observação participante, com aplicação de questionários a 20 médiuns trabalhadores, sendo 5 de cada terreiro, indicados por seus sacerdotes. Utilizou-se entrevistas semiestruturadas para coleta de informações, seguindo um roteiro de perguntas para nortear o diálogo, aplicadas aos 04 líderes dos terreiros, que foram gravados com as devidas permissões para uso e divulgação, sendo transcritas

posteriormente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Memória marginais das encruzilhadas

De modo geral, a expressão **Chuta que é Macumba** já foi ouvida por muitos e falada por tantos outros, em referência ao que não é bom, ao negativo, inferiorizando a religião e os sujeitos que delas fazem parte, e ao que precisa ser “despachado”, sem serventia alguma.

Dessa forma os “despachos”, colocados nas encruzilhadas, para oferecer a Exu, como pedido de proteção, abertura de caminhos etc., ganharam popularidade de “macumba”, pois as encruzilhadas são lugares que Exu habita, enquanto guardião, senhor dos caminhos e das inúmeras possibilidades. Nogueira (2023, n.p) esclarece que Exú é um dos principais símbolos escolhidos pelo racismo religioso a ser satanizado. Colocado nessa posição de demônio por uma necessidade do colonizador, em espelhar a figura de alguém responsável por todos os males das suas próprias escolhas.

Entretanto, isso não quer dizer que, não existam despachos realizados com a intencionalidade de demandar mal a alguém. Prática realizada em locais onde não se faz a distinção entre o bem e o mal, responsabilizando Exu por todas as ações praticadas. Contudo, nenhuma das religiões estimula ou incita essa prática. O “despacho” para prática do mal é ativado pelo sujeito médium que detém o conhecimento e utiliza para essa finalidade.

Aqui percebemos duas interpretações de uma mesma coisa, ou seja, o despacho e a oferenda. As oferendas, são popularmente conhecidas como “comida de santo” ou “despacho”.

O que se sabe e conhece sobre exu no senso comum, foi disseminado por meio de um discurso racista religioso, colonizador vinculado a figura de um *diabo*, para demonizar Exu na tradição judaico-cristã. Entretanto Exu, não se submete a rótulos e/ou padrões, pelo contrário, ele se expande para além dos limites dos condicionamentos morais impostos, trazendo, para aqueles que se interessam e se dispõe a conhecê-lo a transformação em todas as direções e sentidos, como aponta SÀLÁMI (2011, p. 337) “quando a vítima chora, Exu chora lágrimas de sangue” indicando que é assim que se reconhece e sente Exu. Como Orixá que faz parte do panteão de divindades e que em sua infinita complexidade fecunda, se compadece das dores humanas, que se inquieta e se incomoda com o sofrimento dos seres humanos. Uma força dessa proporção não pode ser confundida como maléfica ou satanizada. Exu é atravessado pelo

sofrimento dos seres, se aproximando de cada um na tentativa de solucionar o problema que traz dor e lamento.

Associar a figura de Exu a demônio, mostra a percepção equivocada na cultura popular e a visão que o mundo tem sobre as religiões afrodescendentes. A ausência de uma cultura contextualizada, e a imposição do cristianismo pela igreja católica, estigmatizou essas religiões como malignas e inferiores. Logo, explorar a história de Exu e discutir sobre sua importância no mundo é uma maneira de quebrar as barreiras construídas em preconceitos. Exu é uma divindade bastante complexa devido todas as características que lhe são atribuídas como Senhor dos caminhos, da vitalidade, da comunicação, do caos, do inseguro, de tudo que está fora do alcance visual e de tantos outros domínios.

A expressão “macumbeiro”, portanto, também está vinculada a essa conotação preconceituosa e estigmatizada de Exu. Expressão comumente utilizada para identificar o sujeito pertencente a essas religiões afrodescendentes que ganha essa significação negativa em relação ao pouco que se sabe e conhece acerca desses segmentos religiosos, por toda a historicidade que lhe envolve. O olhar da sociedade brasileira em geral e até mesmo de sujeitos oriundos de outras religiões sempre foi cauteloso e “perverso” diante do desconhecido. A expressão “macumba” é comum no meio umbandista entre médiuns trabalhadores, utilizada para referenciar os trabalhos realizados pelo povo do Axé como “hoje vai ter macumba” ou “hoje vamos fazer macumba” ou até “hoje vamos macumbar”, como forma de dizer que haverá trabalhos no terreiro, gira, sessão ou festa.

Para quem não conhece – do lado de fora dos terreiros – a expressão “chuta que é macumba” é utilizada pejorativamente, de forma hostil e agressiva, para identificar e definir aquilo que não se enquadra nos moldes religiosos estabelecidos. E embora tudo que se refira a afrodescendência seja visto de maneira que vincula a representação “negra”, revestido de um racismo estrutural, sempre é possível identificar um sujeito de outras religiões, evangélicas, católicas etc. em “terreiros de macumba”, ou seja, nos espaços sagrados afrodescendentes de Umbanda e Candomblé.

Até aqui, o preconceito e a intolerância ganham nitidez na expressão “chuta que é macumba”, sendo questões vivenciadas e enfrentadas pelas religiões afrodescendentes e seus seguidores cotidianamente. Embora a expressão da qual trata o artigo seja uma espécie de escárnio, a intolerância religiosa atualmente ganhou uma magnitude extrapolando os limites do permissível, da legalidade, do constitucional, culminando com atos violentos, agressivos e de crueldade com o sagrado do “outro”, (re)lembrando que, embora o Brasil seja um país laico, de

um povo extremamente religioso, não conseguiu livrar-se do racismo que duela com a liberdade de crença de seu povo.

Ainda que o discurso proferido atualmente seja o de respeito a crença do “outro” e de liberdade religiosa, atestando que o sujeito é livre para expressar sua crença e religião, entendemos que estamos diante de uma “democracia relativa”, digo isso, pois a liberdade de professar uma crença, seja ela qual for, tem limites de tolerância. Estamos sempre prontos a atestar que a crença do outro ou a religião do outro é inferior à nossa.

No entanto, esse discurso, se distancia do que se entende e se busca quando se vai ao encontro do sagrado, daquilo que representa na vida do indivíduo religioso, da sua conexão com Deus, e com sua espiritualidade, a sua percepção de mundo e de existência nele, algo que impele o sujeito a buscar o sentimento de pertencimento, de sentido de existência e significado no mundo.

Sendo umbandista, entendo que, para além de adotar uma religião ou uma crença, no senso comum do que compreendo por meio dos significados dessas duas palavras, somos levados, imersos na proposta construtiva daquilo que nos provoca a ciência filosófica, a antropologia e a sociologia a nos perceber diante do mundo e perceber o mundo diante de nós, a partir dos nossos questionamentos existenciais, da nossa origem e do nosso sentido para o mundo. Essa configuração nos atravessa, nos inquieta, e em seguida, dentro do processo de reconhecimento e pertencimento, nos completa enquanto sujeito, em uma transversalidade verticalizada que nos permite expandir as formas de pensar, entender e ver o mundo, indo muito mais além da crença e da religião, permitindo o nosso encontro com o sagrado.

Ainda, enquanto umbandistas, somos estigmatizados como “adoradores do demônio” em que nossa fé, religião ou crença não cabe no interior da sociedade, precisando permanecer às margens dela, de forma quase anônima, silenciosa e invisível, até o momento que seja preciso recorrer as entidades que se manifestam nos terreiros. Até que chegue esse momento, tudo que for derivado das religiões afrodescendentes experimentará o peso da expressão “chuta que é macumba!”. Experimento dizer que a maneira como a sociedade, de modo geral, lança o olhar sobre as religiões afrodescendentes, em um pensar dogmático, canônico e engessado, traz muito de um passado muito presente em nossa história. Paradoxalmente, o termo “macumba” tem sentido diferente para a sociedade e para comunidade dos terreiros. Essa perspectiva nos permite o reconhecimento de que, enquanto religião nem tudo é candomblé, nem tudo é Umbanda, mas tudo é visto como macumba.

Nos distanciando daquilo que define o sujeito e os terreiros umbandistas, ou seja, a macumba, nos aproximamos de uma nova expressão “Não chuta que é macumba” título do livro de Alexandre Kaitel (2023), que faz referência ao desenvolvimento mediúnico realizado na Umbanda, ou seja, dentro do terreiro, em conexão com a espiritualidade, tudo o que lá existe, que é manipulado, vivenciado, tocado, percebido, sentido, consagrado, faz parte do sagrado dos terreiros, não chuta porque é macumba.

No entanto, diante de uma visão limitada e por ignorância, olhamos o terreiro e vemos aquilo que imaginamos ser, sem sequer, considerarmos o espaço, o ambiente e tudo que dele faz parte como sagrado.

Do lado de dentro dos terreiros umbandistas

Primeiramente, os terreiros de Umbanda são construção simples e em sua maioria não trazem identificação na entrada. Ao irmos a um terreiro sempre somos levados por alguém, que pressupõe que haja uma necessidade de ajuda, pode ser um frequentador ou um trabalhador da casa. Não se acha um terreiro de maneira fácil, caso se queira ir a um, seja por necessidade ou por curiosidade.

A visão exterior de um terreiro de Umbanda, enquanto lugar permeado por um imaginário primitivo e distorcido do que realmente é, começa a se desconstruir ao adentrarmos nesse espaço, definido pelos médiuns entrevistados,

O sagrado é desde o chão do meu terreiro, as folhas que fazemos nossos banhos, cada elemento usado é sacralizado e representa a força da natureza, os orixás. É a nossa ancestralidade sendo resgatada e vindo em nosso auxílio. Essa religião nos possibilita não só mudarmos de vida completamente, pra melhor, mas sentir toda essa força e essa magia na própria pele. Quando um guia incorpora e salva vidas, aquele momento é mágico e sagrado pra todos nós. (Caboclo Sete Flechas, informação verbal, 2020)⁴

É o motivo da minha existência, foi o que me salvou e o que me salva todos os dias. É pelo que devo meu total respeito. É o que me faz ser uma pessoa melhor todos os dias! Foi o sagrado quem me fez aprender a olhar pra mim mesma e querer me conhecer, porque até então, não sabia quem eu era. É o bom dia pro porteiro, é o prato de comida pra quem tem fome. É literalmente o maior amor que já senti em vida. (Cabocla Jurema, informação verbal, 2020)⁵

O sagrado é o lugar aonde eu posso me encontrar comigo mesmo, é ali que rezo, é ali que eu firmo a minha fé nas entidades de luz, nos orixás que são a força da natureza! É aonde eu encontro a paz interior! (Cabocla Jupira, informação verbal, 2020)⁶

⁴ Entrevista concedida pelo médium do Centro Espírita Império das águas. [abr.2020]. Entrevistador: Carla Simone de Oliveira Peres. Rio Branco, 2020.

⁵ Entrevista concedida pelo médium da Tenda de Umbanda Luz da Vida. [abr.2020]. Entrevistador: Carla Simone de Oliveira Peres. Rio Branco, 2020.

⁶ Entrevista concedida pelo médium do Centro Espírita de Umbanda Santa Bárbara. [nov.2020]. Entrevistador: Carla Simone de Oliveira Peres. Rio Branco, 2020.

Esses significados descritos pelos médiuns, nos leva a compreensão de que o sagrado transcende os limites da territorialidade do terreiro, ganha magnitude no exterior, nas simbologias e no interior de cada um. Germinando na essência de cada médium, individualmente, o elo de conexão com o divino, a forma de senti-lo e percebê-lo.

Logo, o Sagrado em sua representação, traz sentido para a vida dos médiuns indo desde o chão do terreiro, que é pisado com os pés descalço em respeito à sua sacralidade, ao manuseio dos atabaques, o trato com as folhas sagradas, no momento de colher e macerar para um banho ou no preparo para defumação; assim como também o motivo da existência do sujeito umbandista, o resgate de sua ancestralidade e o lugar que possibilita o encontro consigo mesmo.

A consagração de um lugar sagrado abre um portal de comunicação com o mundo espiritual, com o divino, permitindo a mudança de um modo de ser a outro. Logo, percebe-se que na percepção dos médiuns, o terreiro é um lugar de buscas, conexão, renovação e transformações, não apenas de pensar e sentir, mas de existir e pertencer. Isso porque segundo o autor, não é necessário ocorrer a hierofonia ou a teofania, pois qualquer sinal é suficiente para revelar a sacralidade do lugar, a partir de técnicas propostas para essa finalidade.

Os terreiros, geralmente, surgem, nas próprias casas do médium, que futuramente se tornará dirigente, quando muito se situam em locais anexos a casa de seus líderes, em casas comuns e de arquitetura simples. Conforme vai aumentando o número de médiuns trabalhadores e de frequentadores, o terreiro tende a ocupar outro espaço para acolher o maior número de pessoas no local.

Esse fato chama atenção, visto que, a “divulgação”, do terreiro que está surgindo acontece no “boca-a-boca”, ou seja, alguém que chegou, foi levado ou convidado a conhecer por qualquer motivo, vai a primeira, a segunda vez, a terceira, verifica a ética, a credibilidade, retorna, algo acontece, fica impactado, compartilha com uma pessoa, e segue o mesmo percurso citado. Claro que, isso não significa que as pessoas se tornarão trabalhadores, frequentadores assíduos, porém significa que ali está despontando um lugar sagrado, que envolve fé, crença, ritual, verdade, ética, respeito etc. Um lugar em que a felicidade pode ser experienciada e sentida nas mínimas coisas como “no servir a uma entidade”; um lugar de autoconhecimento; de aprendizado; da encruzilhada de afetos; de despertar; de acolhimento; de diferenças que se (re)conhecem na igualdade; um lugar em que viver e “ser” são congregados em um único acorde afinado com o mundo a qual se pertence.

Esse lugar de convivências, de afetos e acolhimentos chama atenção para outro ponto interessante, a Topofilia descrita por Bachelard (2008) e entendida por Tuan (1980) em seu mais amplo sentido, como a afetividade simbólica estabelecida entre os seres humanos e o ambiente, caracterizando esse espaço como lugar de sentidos. Nessa perspectiva, Tuan (1980) pondera que, tudo que sobressai ao comum e habitual, é sagrado. Logo, cada comunidade religiosa rememora seus espaços de terreiro a seu modo, de forma a constituir um lugar sagrado permanente e estável em que ela se restringe ao acolhimento e amparo, como o próprio Bachelard aponta. Claro que, essa não é a mais forte das emoções, considerando que muitas das pessoas se sentem indiferente em relação a esses ambientes que supostamente moldam sua vida. Assim sendo, esse espaço geográfico, permeado de significados, são produtores de sentidos a partir da interpretação humana que rompe com a esfera limitante de categorizar como um simples lugar.

A estrutura de um terreiro de umbanda, segue, geralmente, a disposição espacial comum a todos os terreiros. Um grande salão central em que, de imediato ao entrarmos, é possível ver o Altar, localizado na parte central, a frente do local em que se posicionam os médiuns da corrente, quer sejam em círculo, meia lua ou enfileirados, que irão incorporar e os Atabaques. Logo atrás, com visão clara do que irá acontecer, ficam os assentos destinados aos visitantes e frequentadores (consulentes).

Em geral, logo na entrada do terreiro, para sustentação energética do local, no horário das giras e, descarrego de energia daqueles que atravessam a porta de entrada se encontra do lado esquerdo um assentamento, conhecido na umbanda como “cafua” ou “tronqueira” de Exu e ao lado direito o assentamento de Ogum, Orixá dentro da religião, conhecido como abridor de caminhos, ordenador da “Lei Divina” que ampara e sustenta junto com Exu os trabalhos e as negatividades do ambiente e das pessoas que irão transitar nesse espaço.

Uma curiosidade percebida durante a pesquisa chama atenção em relação ao Altar. No “Centro Espírita Santa Bárbara” e “Centro de Umbanda Império das Águas”, o Altar localiza-se à parte do lugar em que ocorrem as incorporações e atendimentos, apontando para uma característica específica de localização espacial dos Altares na religião de candomblé, que não ficam expostos no salão. Esses detalhes, ou melhor dizendo, especificidades, vão sinalizando as sutis diferenças entre os terreiros de Umbanda e Candomblé.

Os assentamentos para atender a finalidade específica, ficam dispostos na entrada dos terreiros. Locais que, para quem sabe o significado de suas existências, como os médiuns

trabalhadores e frequentadores, que são devidamente orientados, ao entrar nos terreiros, fazem suas reverências e saudações.

No Centro de Umbanda Império das Águas os assentamentos de Ogum e Exu Tranca Ruas ficam na entrada do terreiro, do lado direito e esquerdo respectivamente; na Seara Caridade Mãos de Luz, na cafua encontra-se as comidas oferecidas – oferendas -, velas, bebidas e flores, além da imagem ilustrativa no quadro disposto na parede representando Exu Tranca Ruas e Pombagira Maria Padilha, existe também a imagem de Zé Pelintra junto as oferendas. Essas representações simbólicas possuem significado no terreiro de Umbanda. Conforme apontam os dirigentes,

Cafua é o local em que saldamos Exús, Pomba-Giras e toda a equipe de segurança do nosso Templo. Dentro da nossa Cafua temos também o cruzeiro das almas que é destinado para fazer as firmezas e pedidos dos irmãos que nos visitam. (Sacerdote da Seara de Caridade Mãos de Luz, informação verbal, 2021)⁷

Tronqueira é um compartimento fechado por uma pequena porta construído do lado externo do terreiro, destina-se a segurança do terreiro e tem por finalidade o assentamento das forças dos Exus, ou ainda, onde é firmado o assentamento das entidades que protege a casa e comanda dos trabalhos para que espíritos zombeteiros não atrapalhem. (Sacerdotisa da Tenda de Umbanda Luz da Vida, informação verbal, 2021)⁸

Essas firmezas dão a sustentação necessária para os trabalhos que irão ocorrer, impedindo a entrada de espíritos de intenção duvidosa no local. Assim como também locais de saudação a Exu e Pombagira, equipe de segurança dos templos. Geralmente a tronqueira ou cafua são compartimentos que permanentemente serão vistos fechados.

Muitos dos sujeitos que adentram pela primeira vez em um terreiro e os frequentadores, passam pela entrada sem saber o significado dos assentamentos e sua finalidade. Por falta de orientações, não sabem que logo ali, na entrada, existe um “ponto de força”, de descarrego, daqueles que entram no espaço sagrado de terreiro e um “ponto de segurança e proteção” aos trabalhos realizados, isolando o ambiente por um fio energético, estabelecendo uma barreira invisível para que os trabalhos espirituais aconteçam de maneira harmônica, tranquila e em segurança durante o tempo que perdurar. Arrisco dizer que os dirigentes não orientam os frequentadores, de maneira, a entender o significado desses assentamentos; por outro lado, poderia dizer que não é interessante para àqueles que vão, rotineira ou esporadicamente, a um terreiro, ter esse conhecimento, pois a necessidade do sujeito é outra; poderia ainda dizer que,

⁷ Entrevista concedida pelo Dirigente do Templo de Umbanda Seara de Caridade Mãos de Luz. [ago.2021]. Entrevistador: Carla Simone de Oliveira Peres. Rio Branco, 2021.

⁸ Entrevista concedida pela Mãe de Santo da Tenda de Umbanda Luz da Vida. [abr.2021]. Entrevistador: Carla Simone de Oliveira Peres. Rio Branco, 2021.

esse aprendizado cabe somente aos médiuns trabalhadores do povo do Axé. E isso não é uma particularidade percebida dos terreiros pesquisados, é uma ação comum a terreiros umbandistas. Sendo assim, digo que, se proferimos um discurso, enquanto umbandistas, de aprendizado e educação mediúnica (des)colonizador, deveríamos iniciar com as informações sobre a representação das simbologias nos espaços de terreiros. Claro que, de certa forma, podemos entender isso como controle também, muito embora, um controle que, diante dessa educação mediúnica, objetiva descaracterizar o excesso que acontece em alguns terreiros, por parte dos médiuns, trazendo à tona performances “alegóricas”, “folclóricas” e “exageradas”, mantendo a religião nesse lugar de subalternidade.

No entanto, duas formas de olhares são lançadas sobre esse panorama. Um que está dentro e olha de dentro; e outro que está fora olhando para dentro. O primeiro observa um corpo político em movimento, na sua expressão máxima de exploração de todos os seus sentidos, se permitindo explorar e ser explorado, conhecer e ser conhecido, em uma simbiose de conexão com sua espiritualidade. O segundo, percebe o controle, ancorado nessa educação mediúnica, não pela razão, da maioria das religiões, em arrebatado “ovelhas para seu rebanho”, mas para contenção dos excessos, de médiuns incipientes, “fascinados” com a descoberta da mediunidade de incorporação de terreiro e outros que, ao se darem conta da sutileza, do poder, e da magia contidas na incorporação em si, se deixam levar sobre maneira pela “cultura do espetáculo”, em que a realidade reflete um *pseudo* mundo à parte, objeto de pura contemplação, sendo, portanto “o movimento autônomo do não-vivo.” (DEBORD, 1997) Segundo o autor o espetáculo é uma relação social estabelecida entre pessoas, por meio das imagens, do visual, que se dissipa na opacidade da representação.

As experiências vivenciadas nesse segmento religioso, são valiosas demais para quem faz parte dessa comunidade de terreiro, em relação ao que é percebido através dos sentidos e a aprendizagem que se tem. O que quero dizer com isso é que, incorporar, para além de ser mágico, instrui, orienta espiritualmente, ensina na potência máxima do nosso ser os caminhos da (des)construção do “velho pensar”, mas segue de certa maneira, esse “controle” hierárquico que não foge à regra daquilo que se considera dentro do conceito das religiões. Mas também é criado um panorama, perceptível e visível, para o sujeito umbandista, por (des)preparo, falta de conhecimento de alguns, e porque não dizer “ vaidade” de alguns médiuns, que enveredam em uma “disputa” velada entre si que em nada condiz com o discurso proferido pela religião de Umbanda e com o processo de incorporação, pois nesse instante quem se expressa e se

manifesta através da corporeidade do médium é a entidade, e, essa é desprovida de vaidade que as conduza a uma disputa. O teor de suas manifestações é outro. Mas essas, são coisas comuns de serem vistas e percebidas, que fazem parte do cotidiano de terreiros, como na Tenda de Umbanda Luz da Vida e no Centro Espírita Santa Barbara.

Essa observação cabe aqui, primeiramente, por fazer parte do interior dos terreiros, pela forma como ela se expressa e acontece diante de uma sutileza, imperceptível aos olhos de quem assiste, no caso, os frequentadores do lugar, e raramente percebida por outros médiuns.

No terreiro Seara de Caridade Mãos de Luz, antes de iniciarem os trabalhos de atendimento ao público é proferida uma pequena palestra por trabalhadores do terreiro de Pai André, comumente de textos reflexivos de base doutrinária espírita kardecista. Aqui vale a ressalva que, para o desenvolvimento daqueles que são e querem ser trabalhadores é necessário o estudo sobre a doutrina kardecista e os fundamentos da Umbanda que ocorrem nas quartas-feiras.

Na Tenda de Umbanda Luz da Vida, após a abertura dos trabalhos, a dirigente faz alguns pronunciamentos sobre a Umbanda, ensinamentos sobre os orixás, trazendo dentro do segmento da religião breves considerações de esclarecimento para aqueles que não conhecem, que nada sabem, que estão receosos por estarem ali pela primeira vez e também para aqueles que já são frequentadores e simpatizantes, que, por ventura, tenham interesse em fazer parte do terreiro. A mãe de santo destina um dia para os estudos com os médiuns e com o grupo infantil “Flor de Jasmim”. Essas orientações por meio de instruções educativas com as crianças, filhos e filhas dos trabalhadores do terreiro, é uma iniciativa na formação de novos pensares em direção a desconstrução de preconceitos, discriminação e intolerância religiosa. Seguindo essa mesma ritualística, os terreiros Centro Espírita Santa Bárbara e Centro Espírita Império das Águas também fazem uma oração no início, cantam para os orixás e depois fazem a abertura dos trabalhos.

Aqui, aproveito para chamar atenção para o trabalho social desenvolvido nos terreiros Tenda de Umbanda Luz da Vida e no Centro Espírita Império das Águas. O Centro Espírita Império das Águas, tem o projeto “filhos de Maria”, que distribui sopa para os moradores de ruas e cestas básicas para a população carente entre outras ações. A Tenda de Umbanda Luz da Vida, desenvolve um trabalho de assistência externa, junto à comunidade de reabilitação “Caminhos de Luz” na entrega de cestas básicas e vestimentas; junto às escolas; e interna também com o “cabide solidário”; assessoria as pessoas com diagnóstico de neoplasia maligna,

em que duas vezes ao mês é realizado uma palestra, com recurso de passe magnético, no trabalho de cura. Acho interessante destacar essas ações promovidas pelos dois terreiros, pois a mudança que se pretende alcançar enquanto religião e religiosidade, a partir de como percebemos e pertencemos ao mundo, não se concentra somente na ideia e no pensar, mas também no agir e executar das ações dos sujeitos.

Retornando a parte interna dos terreiros, muitas vezes, este espaço é bem reduzido, entre a assistência e o lugar em que ficam os médiuns trabalhadores que irão, dentro da ritualística, dançar e incorporar as entidades que irão se manifestar e trabalhar em prol da caridade às pessoas que ali estão. Em alguns terreiros, ocorre a separação de mulheres e homens, ou seja, mulheres ficam de um lado e homens do outro, essa forma de organização vai indicar muito da construção identitária do dirigente da casa.

O Altar ou “Congá”, ponto principal irradiador e absorvedor de energia do terreiro. Local consagrado e sagrado em que são dispostas as imagens dos santos ou de orixás de origem africana, velas, flores etc.

O Altar assim como o nome dos terreiros expressa a identidade de cada casa e como foram se construindo a partir da identificação de cada Pai de Santo. O Altar do Centro Espírita Império das águas, por exemplo, localiza-se em um quarto reservado para isso, com todas as figuras africanistas de um sujeito que se identificou quando criança e mais jovem não ter nenhuma crença, mas ser levado e ter vivido sempre nesse ambiente de terreiro por seus familiares. A Tenda de Umbanda Luz da Vida, traz uma mistura católica, nas figuras de São Jorge e São Jerônimo e africanista nas figuras dos Pretos Velhos, dos Orixás Obaluaê, Iansã e Oxum e Exu; agregando por todo interior do salão elementos indígenas, como cocar, maraca, rapé. Podemos inferir que na ânsia de desconstruir o temor que a acompanhou durante seu processo de desenvolvimento, a mãe de santo aglutinou em seu terreiro o catolicismo, sua religião anterior, elementos africanistas, enfatizando como fundamento de sua casa elementos indígenas e conhecimento xamânico. O Altar da Seara de Caridade Mãos de Luz representa fielmente o sincretismo dos santos católicos com os orixás: Oxalá-Jesus Cristo; Santa Bárbara-Iansã; São Jorge-Ogum; São Jerônimo-Xangô; e Nossa Sra da Conceição-Oxum. O dirigente segue a linha da religião que seguia anteriormente, o kardecismo.

A representação do Altar para cada um dos Sacerdotes se cristaliza no lugar em que são feitas orações e reverência ao sagrado; ponto de força e irradiações, como portal de captação e irradiação energética das divindades,

O Altar, devidamente erigido e fundamentado, é o ponto de força pela qual as irradiações das divindades alcançarão todos os fiéis, todos os fiéis presentes no templo. Onde sua função é criar o magnetismo específico, é um portal de captação de irradiação verticais das divindades onde estar a energia que se espalharão horizontalmente ocupando todo salão. Neste, podemos colocar elementos materiais que são consagrados religiosamente. Onde as imagens e recursos que tem finalidades vai inspirar respeito e desperta pessoas por uma postura religiosa. Velas dão vida ao altar que deve estar sempre iluminando [...]. (Sacerdotisa da Tenda de Umbanda Luz da Vida, 2021)⁹

Além das figuras do Pai/Mãe de Santo e do Altar, os “Ogãs”, “Atabaqueiros” ou “Curimbeiros” são partes fundamentais nos terreiros. São pessoas destinadas para função de bater os tambores, geralmente, dispostos na parte central do salão principal, ao lado do altar; representam, também, autoridade dentro do terreiro. Os ogãs juntamente com os atabaques, fazem parte da linguagem ritualística própria de terreiros, tocam, cantam, evocam e invocam as entidades que irão se manifestar. Para cada partitura da ritualística, um ponto cantado. Um ponto cantado para abertura da gira, para saudação dos Orixás, para as entidades daquela gira destinada a entidade específica, preto velho, caboclo, exu etc., e um ponto cantado para o encerramento dos trabalhos.

Os sons produzidos pelos atabaques, em um jogo de linguagens, promovem a conexão entre seres visíveis e invisíveis no espaço de terreiro. São os tambores os responsáveis por colocar a “vida” em movimento nos terreiros, a partir das manifestações das entidades nos corpos dos médiuns, reproduzindo a afirmação de infinitude da vida, no processo de renovação. O papel e a função dos atabaques são destaque como parte integrante e fundamental para a prática religiosa de Umbanda. São os curimbeiros ou atabaqueiros, portanto, que manuseiam o instrumento fomentador que vibra e faz vibrar o corpo de/no terreiro, através de uma linguagem simbólica e ritualística presente no “querer dizer” dos atabaques do que se sente e o sentido que é provocado. Para além de estarem imersos nesses ambientes religiosos com a finalidade de criar a conexão por meio do atrito das mãos que através deles bailam, os atabaques são antes de tudo um instrumento de percussão utilizados em diversas culturas. Através da produção dos sons emitidos por esse instrumento é possível perceber a comunicação efetivada no momento da ritualística adotada nos terreiros, são eles uma figura permeada de simbolismos que representa a força, o respeito, o sagrado, a conexão, a linguagem de terreiro.

O pouco espaço existente em alguns terreiros e o pouco recurso financeiro são impedimentos para possuir um cruzeiro, comumente conhecido como “Cruzeiro das Almas”.

⁹ Entrevista concedida pela Mãe de Santo da Tenda de Umbanda Luz da Vida. [abr.2021]. Entrevistador: Carla Simone de Oliveira Peres. Rio Branco, 2021.

Desses, somente o Centro Espírita Império das Águas e o Seara de Caridade Mãos de Luz, possuem um cruzeiro para realizar trabalhos com Pretos Velhos, entidade ligada diretamente a linha das almas.

Contudo os terreiros dispõem de uma cozinha própria para os preparos das “comidas dos orixás” e especificamente, na Tenda de Umbanda Luz da Vida e no Seara de Caridade Mãos de Luz, em que são vendidos lanches para arrecadação de recursos financeiros para investimento no próprio terreiro, para além das ajudas mensais dos médiuns trabalhadores.

Adentrando mais as dependências de um terreiro de Umbanda somos logo envolvidas pelo aroma da defumação, ou seja, o preparo de ervas secas que queima e invade o espaço sagrado com sua fumaça aromática. Um dos nossos primeiros sentidos sensoriais a ser despertado é o olfato, através da defumação.

É comum nos terreiros ter uma pessoa destinada ao manuseio das ervas, ao seu devido preparo, com autoridade suficiente para fazer a defumação no Altar, nos médiuns e nas pessoas que frequentam e para utilização nos banhos. Tudo dentro de um conhecimento adquirido e dentro da hierarquia definida pelo dirigente.

A defumação dispersa energias que se acoplam magneticamente no corpo energético da pessoa, sendo esse um dos primeiros momentos da ritualística, ou seja, um dos procedimentos de limpeza para início dos trabalhos. É defumado o Congá, os médiuns e os visitantes que serão atendidos.

Nossa visão permeada pela curiosidade de quem não sabe o que vai encontrar vai aos poucos percebendo os detalhes, observando que no Altar tem a imagem de Jesus, que no terreiro de Umbanda corresponde ao orixá Oxalá, sustentador da fé. Mais um sentido que vai se cristalizando na desmistificação do que foi criado e impresso nesse imaginário tão solidamente enraizado de que em terreiros “cultuamos o demônio”.

Os terreiros, portanto, são repletos de fundamentos, sentidos e significados, indo além dos limites geográficos, sendo, o lugar em que o homem religioso recorre para uma aproximação e conexão com o universo sagrado. (ELIADE, 2001)

Nossa audição e escuta vai se refinando com os pontos cantados ao som dos atabaques, com o bailar das mãos ritmadas que tocam e fazem referência ao sagrado, aos orixás, as entidades, e permitem a conexão com a espiritualidade através dos cânticos entoados que fazem vibrar o ambiente, preparando o espaço “mágico” em que será aberto os trabalhos. Assim sendo, ao médium é necessário aprender uma nova linguagem “do corpo”, linguagem essa em que o

corpo irá acostumar-se a servir a outras funções, como o transe, em que os médiuns dispõem de seus corpos, no momento do transe como “cavalos”, para servir a linguagem dos deuses na comunicação entre o mundo material e espiritual. (LAPASSADE, 1972)

O abraço afetuoso e aconchegante das entidades aciona nossa sensibilidade, e essa aproximação proporciona a todos que entram em contato com uma entidade um acolhimento fraterno, nesse sentido sensorial, se pudermos nos despir do “estranhamento” inicial poderemos ser intimamente afetados, o que faz com que muitas pessoas retornem após a primeira visita a um terreiro.

Todos os sentidos sensoriais de um sujeito são ativados em um terreiro de Umbanda, inclusive o paladar, ao beber o café oferecido pelo Preto velho, na bebida da Pombagira ou de Exu, em tudo se prepara para o despertar, o refinar dos sentidos, tudo é mágico e magia a ser trabalhada com elementos vegetais, minerais, com simbologias através dos pontos riscados pelas entidades para identificar-se e abertura de portais de conexão com a espiritualidade e ancestralidade.

Um aspecto interessante a ser destacado ao olharmos a Umbanda por fora é o do preconceito por parte de sujeitos que corroboram com o pensar ideológico de controle e dominação. Os sacerdotes citam em suas falas que as atitudes que caracterizam esse preconceito se expressam em forma de críticas e julgamentos, sem o devido conhecimento do trabalho; os olhares lançados sobre “eles” e as violências que um dos terreiros já passou com roubo e até mesmo o atear fogo na estrutura física da casa; e palavras e perguntas de caráter ofensivos. Atitudes que partem de uma intolerância religiosa, muito evidente em práticas de violências que nos chamam atenção todos os dias para um novo (re)pensar em busca do “conhece-te a ti mesmo”, máxima socrática que se traduz muito mais do que autoconhecimento, mas o conhecimento sobre o mundo e a verdade.

CONCLUSÃO

Diante do que foi discorrido, retomo a questão da expressão popular que se tornou um jargão comumente proferido, mas que traz em sua origem o preconceito e a intolerância religiosa, muito mais que isso, a expressão do racismo. Banalizar frases, atitudes, expressões, nos conduz para o lugar que sempre ocupamos, enquanto nação brasileira, esquecendo-nos do processo de construção de identidade nacional do qual fizemos parte, de reprodução de práticas

racistas, preconceituosas e discriminatórias, que são constructos do cotidiano e da realidade dos terreiros de Umbanda.

O objetivo desse artigo foi conhecer a ‘Umbanda por fora’ para uma melhor compreensão da expressão “chuta que é macumba”, usada pejorativamente, para inferiorizar as religiões afrodescendentes, e conhecer a sacralidade que permeia o universo dos terreiros umbandistas. Trazer um pouco de cada terreiro e o sagrado desses ambientes em nada remete à expressão “chuta que é macumba”. Os elementos existentes, o ritual, a ritualística adotada não faz menção a nenhuma seita ou ritual “satânico”, muito pelo contrário. São locais em que o branco é a cor que se faz presente nas vestimentas dos trabalhadores e as imagens dos santos, comumente visto nas igrejas católicas, estão presentes no Altar. Tudo no interior dos terreiros transmite tranquilidade, quietude e serenidade. Um lugar de introspecção, diálogo com a alma e de proximidade com o sagrado.

Foi possível identificar que a expressão ou melhor dizendo, a palavra macumba, reverbera as tensões política, cultural e social do processo de colonização brasileira, dada as práticas religiosas afro-indígenas, não reconhecidas como sagradas.

Mostrar nesse estudo o sentido do uso da expressão “chuta que é macumba” para se referir ao que não tem valor, ao que não tem utilidade, seja um sujeito indesejado, um lugar, ou algo ruim e negativo, como comumente ela é utilizada, nos leva a compreensão de que toda a carga histórica se concentra na palavra “macumba”, enquanto prática religiosa, sem sequer entender o contexto pelo o qual ela perpassa, se mostrando, se ocultando e ressignificando suas práticas para continuar existindo enquanto movimento de resistência e contracultura.

Outra curiosidade no uso dessa expressão para referir-se a terreiros de religiões afrodescendentes é a forma de invalidar a religião, a crença e as práticas ritualísticas de terreiros, reproduzindo o discurso religioso racista das igrejas católicas, e das igrejas neopentecostais, umas mais que outras, vinculando aos despachos e oferendas dispostos nas encruzilhadas para Exu.

Constatou-se também que os terreiros são lugares sagrados, logo permeado de sentidos e significados. No entanto, a macumba, mal interpretada e compreendida, enquanto movimento de resistência e locução habitual falada pelo povo do axé, permanece fazendo parte do cotidiano dos terreiros.

O que nos permitiu perceber que o preconceito e a intolerância enfrentados pelas religiões afrodescendentes, como a Umbanda, sem dúvida alguma, demonstra o

desconhecimento e o estigma associados a essas crenças, como uma forma de racismo ainda muito presente.

Por fim, concluímos que os terreiros de Umbanda vistos “de fora” fazem parte de um imaginário criado e produzido para descaracterizar e invalidar outras formas de religiosidade, e maneiras de entender e perceber o mundo. Em outro viés, “do lado de dentro” dos terreiros umbandistas encontra-se um lugar sagrado, o religioso, o divino e a divindade, manifestados e vivos em fundamentos, em ritos, em corpos, na ritualística, em elementos etc., que promovem a conexão com o mundo espiritual, a simbiose entre “vivos” e “mortos”, que leva o sujeito a refletir sobre vida e morte.

Finalizo esclarecendo que minha contribuição não se esgota ao término desse estudo, pois outras pesquisas e estudos podem se originar a partir desta temática, entendendo a relevância do tema para a sociedade acreana, para os terreiros afrodescendentes e para umbandistas.

GETTING TO KNOW UMBANDA FROM THE OUTSIDE: “CHUTA THAT IS MACUMBA”

ABSTRACT: This article addresses the expression “Chuta que é macumba”. An expression that exhibits prejudice and intolerance against the afro-descendant religions. The aim of our reflection is to understand ‘Umbanda from outside’ for a better comprehension on the expression “Chuta que é macumba” used pejoratively to inferiorize the afro-descendant religions, and reach an understanding on the sacredness that goes through the umbanda terreiro’s interior. The usage of the expression is very bound to the offerings realized to Exu on crossroads. This practice has become reduced by these religions due to the conscientization on environmental preservation by terreiro’s people. The Brazilian society point of view which is launched upon these religious practices is so prejudiced that even people from other religions are stigmatized for attending terreiros despite their race, color, ethnicity and/or social class. The text emphasizes yet the importance of umbanda’s terreiros in Rio Branco, in the continuous construction of their identity and combating religious racism. This work is based on ceremonies performed at umbanda’s terreiros from acre addressing the “sacred” experience by the “Axé’s people ” and how the rites are internally performed. To construct this dialogue we utilize authors as Lapassade (1972), Debord (1997), Eliade (2001), and others. It is concluded with the highlight that it’s necessary to deconstruct the prejudice and the religious intolerance that rounds terreiros and umbandistas, and also the importance in allowing yourself to quit cultural ignorance and understand the afro-descendant religions.

KEYWORDS: Macumba, Prejudice, Religious Intolerance, Terreiros, Umbanda.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston; **A poética dos espaços**: tradução de Antônio de Pádua Danesi, 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 5ª Tir. 2001.

KAITEL, Alexandre Frank Silva. **Não chuta que é macumba**: o desenvolvimento mediúnico na macumba. Editora CRV, 2023.

LAPASSADE, Georges & LUZ, Marco Aurélio. **O Segredo da Macumba**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

NOGUEIRA, Sidnei. **Exu foi colocado nessa posição de demônio porque o colonizador precisava**. [Entrevista concedida a] Halitane Rocha. Mundo Negro. janeiro, 2023. Disponível em: <<https://mundonegro.inf.br/exu-foi-colocado-nessa-posicao-de-demonio-porque-o-colonizador-precisava-diz-o-babalarixa-sidnei/>>. Acesso em: 22 de jan. 2023.

SÀLÁMI (King), Síkírù; RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Exu e a ordem do universo**. São Paulo: Editora Oduduwa, 2011.

SILVA, Vagner Goncalves da. **Exu**: um Deus afro-atlântico no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

TUAN, Yu-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.